

## MEMÓRIA DE VELHOS: NARRATIVAS ORAIS E AS ARTES DE FAZER DOS TRABALHADORES DO SISAL EM CUBATI – PB (1950-1980)

**Silvano Fidelis de Lira – História/UEPB<sup>1</sup>**

silvanohistoria@hotmail.com

**Dr<sup>a</sup>. Auricélia Lopes Pereira – História/UEPB<sup>2</sup>**

auricelialpereira@yahoo.com.br

Este texto é resultado da pesquisa “*Narrativa nas margens: memórias de velhos*”. Pesquisa financiada pelo Programa de Incentivo à Pós Graduação e Pesquisa (PROPESQ) através da Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa (PRPGP) e que se encontra em sua primeira fase. Como se tece uma lembrança? A partir de que referenciais podemos entender a dimensão subjetiva da construção das memórias de velhos? Como as artes de fazer do individuo são manifestadas pela narrativa? Este texto busca, através da memória de velhos, examinar possíveis dimensões que dão forma as narrativas tecidas pelos antigos trabalhadores dos campos e motores de agave, pessoas que conviveram com o auge e o declínio da produção sisaleira na cidade de Cubati durante as décadas de 50 e 80. A memória é uma construção que atende as necessidades do presente e a suas evocações, portanto ela é seletiva, variável e pode muito bem sofrer modificações, rasuras, nivelamentos, produzidos de acordo com a subjetividade do sujeito. Torna-se então uma impossibilidade a construção de uma narrativa linear, coerente e puramente verdadeira, aquela que busca na narrativa oral e na memória um subsidio para a sua construção. O trabalho do historiador, nessa perspectiva, é uma prática de fronteira, onde a escrita se pratica em territórios sedimentares, irregulares e muitas vezes de difícil acesso, a memória aparece em meio a cercas, a barreiras. Assim, as narrativas orais dos idosos estão localizadas geralmente entre a memória e o esquecimento e se articulam entre o dito e não dito. O esquecimento nesse sentido não pode ser negligenciado, pois assim como nos diz Michel de Certeau, o esquecimento não é uma mera passividade ou uma perda do sujeito; ela é ação, uma frente opositora ao passado. De que falam essas narrativas? E de que não falam esses silêncios? Perguntas que nos mostram o quanto a “História Oral” se encontra entre possibilidades e a impossibilidades. As narrativas orais dos idosos buscam, através das lembranças, contar histórias, construir narrativas de vida, baseadas na experiência cotidiana... Falam das artes de fazer e de viver. Portanto, esse texto vai buscar nas possibilidades das narrativas orais, tecer um estudo sobre como a memória, articulada com a oralidade pode nos servir para a construção de uma História das artes de fazer no cotidiano de homens e mulheres que construíram uma nova forma de vida no ambiente de trabalho, desfibrando suas trajetórias de vida.

Palavras chaves: Memória. Narrativas orais. Velhos.

---

<sup>1</sup>. Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisador do PROPESQ.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba.

Este texto se propõe a trabalhar memórias, memórias de velhos. Somos nós historiadores *colonizadores* adentrando num território incerto, um tecido estriado, imperfeito e muitas vezes que nos desconcerta, nos deixa inquietos diante de suas “imperfeições”. A seletividade, a incoerência da memória nos decepciona nos coloca em não lugar, em um não saber. Em uma (im) possibilidade.

Para iniciarmos nossa trajetória, é preciso que deixemos um pouco claro – sem maiores nebulosidades – o nosso caminho. Mas será que temos um caminho? Será que não poderemos nos perder em nossa caminhada? E se nos defrontarmos com o “estranho”, o “(des) conhecido”? Pelo menos iremos tentar traçar marcas em nossa estrada, talvez elas nos sinalizem alguma coisa. Talvez seja preciso um caminho um fio condutor para os caminhantes errantes.

Agora podemos seguir. Vamos traçar nosso caminho. Se encontrarmos barreiras, cercas, entulhos, porteiras, não pretendemos derrubá-las, preferimos dar-lhes novos sentidos, novas possibilidades. Quem sabe se essas barreiras nos serão úteis.

É preciso um primeiro passo, nessa estrada de chão, nesses pedregulhos. Nosso caminho começa com um problema. A estrada começa com palavras que nos perturbam, a dúvida que nos impulsiona. Como se tece uma lembrança? A partir de que referenciais podemos entender a dimensão subjetiva da construção das memórias de velhos?

A lembrança é um tipo de imagem, que pode ser clara, límpida ou obscura. A memória é tecida a partir de lembranças selecionadas, interpretadas. Portanto, não há objetividade na lembrança e na memória, há sim possibilidades, interpretações diante dos ditos e não ditos. José C. Reis (2010) ao fazer uma leitura da obra de Paul Ricoeur, nos alerta para a vulnerabilidade da memória. Mas por que a memória é vulnerável? Porque ela é uma fala, uma leitura daquilo que é ausente, daquilo que não podemos ver, tocar, manipular.

A memória é seletiva. Imprecisa... E nós, pesquisadores, se buscarmos e a objetividade a clareza, nos vemos em um não-caminho. Nesse ponto de divergência emerge o fora, enquanto diferença entre forças – o entrevistador e o narrador – diferença que se dá no (des) encontro entre o pesquisador e aquele que narra. Como dirá as linhas poéticas de Peter Pelbart “*O fora é a distância entre forças, isto é a diferença*” (1989. p, 120).

Paralelo à memória está o esquecimento. Sua outra face. Este que nos dá medo nos assusta. Mas por que nos assusta? Por que a cultura ocidental sente uma verdadeira repulsa pelo esquecimento? Nossa cultura acostumou-se a caracterizar o esquecimento como uma falha, como erro. Se a memória é o valor essencial, extraordinário por nos fazer recordar, reviver o passado; o esquecimento é, na realidade uma possibilidade de libertar-se daquilo que nos faz reviver momentos penosos, negativos. Esquecer é uma atitude perante a vida. É uma forma de contornar o passado. O esquecimento é ação contra o passado, assim disse o historiador da invenção do cotidiano, aquele das caças não autorizadas, das culturas plurais. (2011. p, 72). O esquecimento permite repouso, tranquilidade, diante das memórias opressivas (Barrenechea. 2008. p, 52).

Para onde nos leva nossa primeira parada? Nosso primeiro encontro mostrou que se ambicionarmos um conhecimento objetivo, cartesiano sobre a memória não chegaremos a nenhum lugar, o da impossibilidade. Mas não desanimemos, ainda, há muito caminho a trilhar, cercas de um lado e outro, de longe, plantações abandonadas, lugares inóspitos, desconhecidos. Caminhar é criar uma arte, projetar um futuro. Todo caminhante tem um objetivo, um aonde chegar. Mesmo que estejamos diante de um terreno incerto, podemos criar novas trilhas, inventar trajetos. Sigamos...

Em nosso primeiro encontro esbarramos com a memória e acidentalmente (?) com o esquecimento. É possível seguir? Claro, não iniciamos o caminho imaginando verdades e nem certezas. Ao caminhar podemos imaginar pra onde ir, mas jamais saberemos o que e quem encontrar.

O historiador é um sujeito que busca no outro o seu texto, busca numa atitude hermenêutica possibilidades para a construção de seu saber, ele é impotente sozinho. Mas é, ao mesmo tempo um sujeito que, mesmo fechado no seu gabinete, necessita da vida do outro para ter vida. Vai buscar no outro uma forma de legitimar aquilo que escreve. Cita o outro. Dá sentido ao outro. O historiador aparentemente esse ser discreto, revira o outro do avesso.

Nós, ao darmos forma a nossa escrita, ao darmos vida ao texto não conseguimos viver por nós mesmos. Fomos em busca de outras histórias, de outros sujeitos, de almas, corpos. Como Foucault, ao buscar nos livros e documentos seus homens infames, nós também procuramos vida em nosso caminho, assim como o filósofo desconcertante buscamos nossas “vidas singulares” para dar cor, sabor, cheiro a essa escrita. Não, não queremos um texto morto. Queremos palavras vivas, pulsantes, que possam fazer remexer

os olhos, a mente e a vida de quem o lê. As vidas por nós encontradas são também vidas infames, apagadas.

Mas outra porteira. Paremos e sentemos numa pedra debaixo da árvore, aquela visão da plantação inóspita nos parece mais próxima. Existe algo lá? Como fazer nosso texto falar? Como colocar nele sonoridade? Outra (im) possibilidade. Convencionou-se escrever a História através daquilo que muitos pesquisadores chamam de “História Oral”. Termo em litígio, por sua ambiguidade, soa assombrado mal diante de alguns pesquisadores. Existe uma História Oral? A oralidade não desapareceria na escrita? Ao transpor o depoimento no papel a narrativa pode ser qualquer coisa menos oralidade. Ele passa a ser uma narrativa, editada – no sentido literal da palavra – pelo escritor.

Como um rio a oralidade tem suas margens: a narrativa e a oralidade. Sobre essa questão Durval Muniz (2007) escreve um belíssimo texto, em que se propõe a pensar a (im) possibilidade uma História concebida a partir da oralidade, tendo em vista que existe uma grande lacuna entre o oral e o escrito, deve-se entender a oralidade não como uma oposição do escrito, deve-se entendê-la como uma marca da escritura, parte de sua constituição.

O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos. (p. 230)

A palavra que corta, que despedaça sentidos, assim é a “História Oral”. O pesquisador muitas vezes adentra no território da narrativa com a autoridade que a Ciência lhe confere, porém ao chegar lá, ele se encontra com um mundo estranho, impenetrável. O narrador não é passivo, não aceita a mesmidade, a norma, ele traça novos caminhos. Ele burla, cria cercas em sua memória e seleciona aquilo que lhe convém. Ele tem uma narrativa própria, doma, domina a palavra e a detém. Esse sujeito da História é também um sujeito da palavra, da palavra que se manifesta pela sua fala, não pelo texto do seu entrevistador. O narrador é um texto solto, livre, que ambigualmente se encontra dentro dos padrões normativos do pesquisador. Sua palavra corta não só o sentido, ela corta também a normatização daquele que quer lhe enquadrar dentro dos padrões estilísticos de seu texto.

Durante muito tempo – sobretudo na década de 1960 – a “História Oral” foi vista como uma possibilidade de dar voz aos vencidos e às minorias, essas explicações sociológicas perderam a sua eficácia, não dizem e nem produzem mais efeitos sobre a

produção acadêmica, não há um opressor e um oprimido. A pesquisa com a oralidade, nesse contexto foi interpretada como uma arma dos que ambicionavam trazer personagens do cotidiano para a História, mais do que fazê-los agentes históricos, o objetivo dos estudiosos dessa época seria dar certa autoridade a sua voz, tendo em vista que esses personagens eram interpretados como agentes subjugados pelos lugares de poder.

A “História Oral” estaria em território contestado, ainda não fixo e, portanto, possível de sedimentações, mudanças inesperadas. Ela tenta, através da conversa, dar sentido ao texto. Mas... a conversa? Não é ela a grande vilã que tenta distrair o historiador? Nossa conversa aqui é resignificada, colonizada. A grande inimiga do silêncio. A conversa é arte, arte que se propõe a manipular a fala, torna-la compreensível, o historiador manipula a fala do narrador, se propõe a interpretar a voz e assim instaurar para o outro um lugar. Michel de Certeau (2007) afirma que; “A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular ‘lugares comuns’ e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los ‘habitáveis’”.

Mas levantemos os olhos... agora podemos ver melhor aquela plantação. É um campo de sisal, conhecida também como agave. Sigamos a estrada. Antes, porém, vamos fechar a porteira da oralidade. Fechemos as idéias tradicionais que a circunda, ela agora é uma arte, uma forma de expressar a memória através de palavras, é seletiva, corta, e cria novas estradas.

Parecemos cansados, nossos encontros foram problemáticos. A memória nos foi (re) lida a partir do encontro com o esquecimento. A “História Oral” mostrou-se um tanto fulgaz ao pensarmos na impossibilidade de sua apropriação pelo sujeito historiador. Mas vamos...

Passamos por caminhos tortuosos, riachos secos, casas abandonadas. A caveira de um boi enfeita a estaca. Rastros da morte, marcas do passado. Porteiras, cercas, vegetação seca, vidas secas como diria Graciliano Ramos. A plantação de sisal está abandonada. O motor, que antes desfibrava as folhas está estático, parece um morto, mas como diz Certeau, ainda é belo. Carrega consigo a beleza do morto.

Duas pessoas naquele lugar, mas quem são? Por que estão ali? Por que contemplam aquela paisagem como se praticassem um ato devocional? Nenhuma palavra. Inúmeros olhares. O olhar, essa arma do hermeneuta, o olhar que lê o outro. O olhar é aquilo que antecede a linguagem. Antes de falar olhamos. Quem são esses que olhamos? Nós, caminhantes estamos ao tempo todo querendo traduzir o outro. Através da escrita que se

torna texto. Ora, traduzir é um mecanismo de manipulação dos outros, uma usurpação de vozes que são transformadas. (Duschatzky e Skliar. 2001. p, 122).

Mas eles têm nome, são seres nomeados. Fernando Ângelo e Rita de Castro, dois personagens de uma mesma História. Dois velhos, pessoas que fazem de sua idade não um fardo, mas um momento sublime de suas vidas, duas pessoas ridentes, alegres, vivas. Cada um viveu de forma diferente, participando de um mesmo momento histórico, a produção de sisal em Cubati – PB<sup>3</sup>.

Suas vidas estão marcadas, marcadas pelo trabalho e por experiências que como diria Foucault, as transformaram, mexeram com suas vidas.

Iniciemos nossa conversa. Cada um tem um caminho próprio, uma geografia diferente. Nesse momento ouvimos: eles falam livremente, parecem o vento, incontroláveis, não se deixam prender. Entrevista? Como é possível diante da (in) regularidade da fala?

Buscam nas memórias lembranças daquele tempo. Voltam a 1960, 1955, 1953... fazem um caminho deslinearizado. Existe na fala de Dona Rita e de Seu Fernando um fora, bem naquela concepção de Pelbart, um porto de divergência, a diferença, o fora. Afinal, são duas vidas, dois textos. Ele, grande produtor da região, fazendeiro, que fala com saudade da época em que conseguia “*sustentar a casa e criar os filhos*” com o dinheiro do sisal. Fala do trabalho de vários homens, do trabalho à noite. Sua fala é a fala de quem viveu um tempo bom, de quem produziu e lucrou com aquilo.

Dona Rita fala diferente, anuncia perdas: ela é a mulher que “*desmantelou a coluna por causa do peso do fardo*” que criou os filhos, deixando-os na casa dos parentes. Trabalhando no motor, e nas horas livres, cuidando do roçado na porta de casa. Sua narrativa fala de muitas coisas. Mas aquela mulher fala que aquilo era “*a melhor coisa do mundo*”, ela fazia a feira, e ainda guardava dinheiro. Que texto inquieto. Aquela mulher fala, dança. Seus braços parecem buscar nos céus inspiração para as palavras. Mas ela também recusa, recusa falar de amores, de decepções, ela cala, pensa e... muda de assunto. Sua narrativa é seletiva. E eu vou guiando. *Mas e seu marido?* Resposta: silêncio...

---

<sup>3</sup> A cidade de Cubati, município no Estado da Paraíba, localizado na região do Seridó Oriental Paraibano com sua área territorial corresponde a 137,2 km<sup>2</sup>. Durante os anos 50 e 60, o sisal tornou-se foi o principal produto agrícola paraibano, destacando-se em meio às outras culturas agrícolas já consolidadas como o milho e o feijão. Nesse contexto, a cidade tornou-se uma das maiores produtoras da região, empregando nas atividades (colheita, desfibramento, lavagem, carregamento, etc.) inúmeras famílias, diante do momento o

sisal ainda é hoje no relato dos idosos, a força propulsora para o desenvolvimento humano do município naquelas décadas, sua importância foi inclusive elucidada na bandeira local, idealizada na década de 50, ainda hoje existem campos de produção, mas com pouca importância.

A paisagem do motor antigo, quebrado, morto; a paisagem seca, as folhas do sisal que ainda insistem em brilhar, o espinho que rasga o corpo, que machuca a alma. Todo esse quadro se mistura a narrativa desses dois velhos, velhos interpretados, traduzidos.

Dois textos. Olhares. Indagações. Vazios. Eles falam de suas artes de fazer o cotidiano. Mas será que é isso que o nosso caminho buscava. Será que ele nos levou a lugar nenhum? Nossa conversa chega ao fim. O caminho foi um caminho de (des)encontros. Histórias que reinterpretem o mundo do trabalho. Não mais o processo de mecanização da produção de sisal, mas a *experiência* que assim como diz Larrosa (2002), aciona marcas no viver.

Nosso caminho não termina. Antes de partirmos para nosso lugar, um abraço, agora os corpos se entrelaçam, depois do olhar, da fala, o toque. Uma entre-vista. Os deixo naquele mundo a qual não pertencem, ali sou intruso, sou um estranho que vai ler, interpretar, produzir conhecimento com a vida do outro.

## REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. “As dobras do dizer: da (im) possibilidade da história oral.”. IN, \_\_\_\_\_. *História – A arte de inventar o passado*. SP: EDUSC. 2007.

BARRENECHEA. Miguel Angel de. Nietzsche – O eterno retorno e a memória do futuro. In: \_\_\_\_\_ (org.). *As dobras da memória* – Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

CERTEAU. Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. – (Coleção História & Historiografia; 3).

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano I: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

DUSCHATZKY. Silvia e SKLIAR. Carlos. O nome dos outros. Narrando alteridade na cultura e na educação. IN: LARROSA. Jorge e SKLIAR. Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT. Michel. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber. Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2003.

LARROSA. Jorge. Leitura, experiência e formação. In: COSTA. Marisa Vorraber (org.). *Caminhos investigativos: novos olhares sobre a pesquisa em educação*. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

REIS. José Carlos. *O desafio historiográfico*. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. – (Coleção FVG de bolso. Série História).

PELBART. Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. – São Paulo: Brasiliense, 1989.